

ENTRE RUÍDOS E SENTIDOS: A PERDA AUDITIVA EM ÁGUAS-VIVAS NÃO TÊM OUVIDOS

BETWEEN NOISES AND MEANINGS: HEARING LOSS IN ÁGUAS-VIVAS NÃO TÊM OUVIDOS

Renan Luis SALERMO¹

Resumo: Este artigo propõe uma leitura semiótica do romance *Águas-vivas não têm ouvidos*, de Adèle Rosenfeld, fundamentada na teoria semiótica greimasiana, com o objetivo de investigar como a narrativa constrói a experiência da perda auditiva em uma dimensão estética e identitária. A partir da trajetória de Louise, narradora-protagonista surda oralizada em processo progressivo de perda auditiva, o estudo examina os limites da linguagem, da percepção e da significação. Para a análise, são mobilizados os conceitos do percurso gerativo de sentido (Barros, 2005; Fiorin, 2009) e suas articulações com a sociossemiótica (Landowski, 2002). Destaca-se como a linguagem do romance, ao incorporar falhas, ruídos e fragmentações, recria literariamente a vivência da incompreensão e da descontinuidade comunicativa, produzindo um efeito semissimbólico. Dessa forma, a obra não apenas tematiza a surdez, mas a transforma em matéria estética, apresentando uma fabulação poética do mundo diante da ausência da linguagem oral. A pesquisa, assim, contribui para a reflexão sobre os vínculos entre linguagem, identidade e literatura contemporânea.

Palavras-chave: Semiótica Discursiva. *Águas-vivas não têm ouvidos*. Perda auditiva.

¹ Pesquisador da PUC (Pontifícia Universidade Católica). E-mail: renan.luis.salermo@gmail.com.

Abstract: This paper proposes a semiotic reading of the novel *Águas-vivas não têm ouvidos*, by Adèle Rosenfeld, based on Greimassian semiotic theory, with the aim of investigating how the narrative constructs the experience of hearing loss within an aesthetic and identity-related dimension. Focusing on the trajectory of Louise, a deaf oral narrator-protagonist undergoing a progressive loss of hearing, the study examines the limits of language, perception, and meaning. For the analysis, it draws on the concepts of the generative trajectory of meaning (Barros, 2005; Fiorin, 2009) and its connections with sociosemiotics (Landowski, 2002). The study highlights how the novel's language, by incorporating gaps, noises, and fragmentations, recreates the experience of misunderstanding and communicative discontinuity in a literary way, producing a semisymbolic effect. In this way, the work not only thematizes deafness but also transforms it into aesthetic material, presenting a poetic fabulation of the world in the absence of oral language. Thus, the research contributes to reflections on the relationships between language, identity, and contemporary literature.

Keywords: Discursive semiotics. *Águas-vivas não têm ouvidos*. Hearing loss.

Introdução

Diferentes textos da literatura contemporânea têm tensionado os limites da linguagem, explorando seus recursos expressivos e, com isso, proporcionando novas experiências de leitura. Um exemplo desse movimento é o romance *Águas-vivas não têm ouvidos*², de Adèle Rosenfeld. A narrativa convida o leitor a mergulhar no universo de silêncios e ruídos vivenciados por Louise, sua narradora-protagonista, iluminando, de maneira sutil e poética, as complexas relações entre linguagem, percepção e cognição, elementos centrais para compreender a experiência de quem vivencia a perda auditiva.

O romance, originalmente publicado em francês, marca a estreia literária de Adèle Rosenfeld. Lançado na França em 2022, o livro rapidamente conquistou reconhecimento crítico, sendo finalista do Prêmio Goncourt no mesmo ano. No Brasil, chegou ao público em junho de 2023, em tradução de Flávia Lago, pela Editora Fósforo.

Narrado em primeira pessoa, o romance oferece uma imersão íntima na experiência de Louise, uma jovem surda oralizada em processo de perda auditiva progressiva. A voz narrativa projeta o sujeito da enunciação para dentro do enunciado, o eu, movimento que, na semiótica discursiva, reconhece como uma debreagem enunciativa de pessoa (Fiorin, 2016). Essa configuração é responsável pelo efeito de proximidade com o leitor, ao mesmo tempo que o convida a vivenciar o ponto de vista da narradora, cujo relato transforma a linguagem em algo maior que um simples meio de comunicação: ela se converte em um espaço de tensão, de experiência e de descoberta de si. Assim, a escolha enunciativa reforça o caráter ético e estético da narrativa, ao apresentar a

² Título original *Les méduses n'ont pas d'oreilles*.

vivência da surdez não como ausência ou presença, mas como um modo de reconfigurar a interlocução com o mundo e de (re)construir a identidade.

Ambientado em espaços urbanos contemporâneos, o enredo também realiza debreagens espaciais que fazem a narrativa transitar entre o cotidiano doméstico, o ambiente de trabalho e as instituições médicas. A linearidade temporal, por sua vez, é rompida por debreagens temporais que instauram uma sucessão de lembranças e retornos, configurando uma temporalidade marcada por fragmentações e hiatos, em que o passado e o presente se cruzam. O texto oscila entre o vivido e o recordado, compondo uma experiência narrativa que reflete a instabilidade emocional de Louise, que, em alguns momentos, recorre à memória como forma de compreender o presente.

A estrutura do romance, dividida em 80 breves capítulos, imprime ritmo acelerado à narrativa. Essa forma ágil acompanha a descontinuidade da escuta e favorece uma escrita permeada por metáforas sensoriais, capazes de traduzir sons, ruídos e ausências. Nesse jogo de deslocamentos, a linguagem do romance se revela como um espaço de busca incessante por atribuir sentido aos sons e ao inaudível vivenciados pela narradora-protagonista.

Nesse contexto, a obra de Rosenfeld explora as fronteiras entre som e silêncio, comunicação e isolamento, resistência e entrega. Por meio dessas oposições, o romance confere visibilidade ao não-lugar social ocupado pela protagonista e à sua busca pela linguagem e pela identidade. Assim, Águas-vivas não têm ouvidos configura-se como uma narrativa marcada pela voz de uma narradora em primeira pessoa que problematiza uma experiência rara na literatura: a perda auditiva e aquilo que se (re)constrói em seu lugar.

Partindo dessa perspectiva, entendemos que a obra de Rosenfeld se estrutura em torno do som e do silêncio, criando um campo de significação no qual a linguagem se torna o meio por excelência da construção identitária. Nessa tensão, o texto semantiza os caminhos da escuta e da sua ausência, transformando a perda auditiva em matéria estética.

Considerando essa obra, propomos, neste artigo, uma leitura semiótica do romance Águas-vivas não têm ouvidos, à luz da teoria semiótica greimasiana. Nossa objetivo é investigar de que maneira o texto articula as relações entre escuta e surdez, linguagem e identidade, representando a perda auditiva em uma dimensão estética. Para tanto, a análise busca compreender como a narrativa, ao retratar a experiência de uma pessoa surda oralizada, constrói sentidos em torno da busca pela linguagem, pela compreensão e pela identidade.

A semiótica, concebida como uma teoria da significação, oferece instrumentos para compreender como o sentido se organiza e se manifesta nos discursos. Neste estudo, recorremos à semiótica de linha greimasiana, especialmente ao modelo do percurso

gerativo do sentido, que permite descrever em etapas como o sentido é organizado. Tal percurso evidencia a articulação entre diferentes níveis de análise, do mais abstrato, onde se estabelecem as oposições fundamentais, ao mais figurativo, em que essas relações se atualizam no discurso (Barros, 2005; Fiorin, 2009). No nível narrativo, observam-se as relações entre sujeito, objeto e valores, que instauram os programas narrativos responsáveis por orientar a ação e estruturar as tensões do enredo.

Entre os tipos de programas narrativos, destacamos, nesta análise, o programa de falta, definido pela relação de disjunção entre o sujeito e o objeto de valor que o orienta. É a falta que instaura o movimento narrativo: privado de algo que considera essencial, o sujeito é impulsionado à busca de restabelecer essa união. Configura-se, assim, uma estrutura de desejo e carência, em que o fazer do sujeito visa transformar o estado de disjunção em conjunção, articulando-se às categorias modais do querer, dever, poder e saber (Barros, 2005). O programa de falta pode constituir, portanto, o ponto de partida da narrativa e o motor de sua significação, pois nele se inscreve a tensão fundamental entre ausência e plenitude, perda e restituição, que sustenta o percurso de sentido e as provas pelas quais o sujeito se transforma ao longo da narrativa.

É em busca desse movimento de construção de sentidos, entre ruídos, silêncios e significações, que passamos, a seguir, a desenvolver nossas análises.

A experiência do não-lugar

Já nas primeiras consultas médicas narradas por Louise, é revelado o agravamento de sua perda auditiva. Segundo o médico, a progressão da surdez é significativa, e há a necessidade de considerar intervenções mais invasivas, como o implante coclear. A partir desse momento, a narradora inicia um percurso de questionamento e aceitação diante de sua condição, que deixa de ser caracterizada como uma surdez leve ou moderada para tornar-se um fato estruturante de sua existência.

O diálogo médico é revelador: "Você se desenvolveu como ouvinte, mas compartilha das dificuldades dos surdos. É difícil as pessoas reconhecerem isso, você fica numa margem invisível" (Rosenfeld, 2023, p. 62). Tal afirmação explicita o lugar limítrofe ocupado pela protagonista, situado entre a comunidade ouvinte e a comunidade surda, tornando visível uma zona marcada pela invisibilidade social e identitária.

Nesse contexto, é o olhar clínico que, paradoxalmente, revela o apagamento identitário da protagonista, ao mesmo tempo em que nomeia sua condição de surdez quase total. O diagnóstico do médico desloca Louise para um espaço de não pertencimento, evidenciando as contradições entre os aspectos fisiológicos e sociais de sua experiência auditiva.

Sob essa perspectiva, Águas-vivas não têm ouvidos articula seu enredo a partir de um programa narrativo de falta (Barros, 2005). A narradora-protagonista, Louise, confronta-se

com a perda auditiva progressiva, que rompe com o eixo de identidade e pertencimento previamente estabelecido. Essa perda não se configura apenas como a ausência dos sons, mas, sobretudo, como uma fratura no contrato de sentido com o mundo. A escuta, enquanto forma de mediação com o outro e mecanismo de inserção social da protagonista, passa a operar de maneira falha, intermitente e instável. Louise já não é plenamente “ouvinte”, mas tampouco se reconhece, ou é reconhecida, como “surda”. Ela habita uma zona intermediária, uma borda identitária que a narrativa transformará em um campo de tensão e construção de sentido.

A narrativa se constrói, assim, como um processo de suspensão e de redefinição do sujeito, no qual a instabilidade da escuta se torna o motor da busca pelo som, pela linguagem e pela reconstrução identitária.

Analizando a obra com base no nível narrativo do percurso gerativo de sentido, a narradora-protagonista inicia uma jornada de busca a partir da manipulação por intimidação (Barros, 2005). Esse tipo de manipulação ocorre quando um sujeito leva outro a agir por meio da imposição, instaurando uma relação assimétrica em que o destinatário é coagido a cumprir determinadas ações para evitar uma sanção negativa. No caso de Águas-vivas não têm ouvidos, essa forma de manipulação manifesta-se na relação entre Louise e o discurso médico, que a obriga a reconhecer e aceitar sua condição clínica. A voz institucional da medicina, investida de autoridade, exerce sobre a protagonista uma força de coerção que a conduz à tentativa de preservar sua identidade de ouvinte. Assim, a manipulação por intimidação não apenas desencadeia o fazer narrativo, mas também delinea o conflito central da obra, a tensão entre a submissão às normas impostas e o desejo de afirmação de uma identidade própria.

É o dizer médico, ao lhe conferir um laudo de quase surdez, que a impulsiona a tentar insistentemente preservar sua identidade como ouvinte. Louise engaja-se, então, em um primeiro programa narrativo de conservação, cujo objeto de valor é sua permanência no mundo dos ouvintes, mais especificamente o desejo de continuar sendo reconhecida como tal e em conjunção com a oralização.

Nesse contexto, a leitura labial surge como a principal estratégia modal que lhe permite manter esse vínculo com a oralização, ainda que de modo parcial, instável e frágil, como se observa no trecho a seguir.

NÃO RECEBI NENHUMA VISITA; a não ser da minha mãe, que veio ver se eu ainda estava mais ou menos viva. Além de me perder na oscilação dos sons médios e agudos da voz dela, meus olhos desfocavam de cansaço e as palavras se deformavam em seus lábios.

“(movimento descontínuo dos lábios, olhos vidrados) ursos (boca que saboreia, olhos que imitam satisfação), floresta, estava delicioso.”

Consenti sem compreender, e me deixei levar pelas imagens da minha mãe caminhando na floresta, sem dúvida nos Pireneus, na casa de uma de suas

amigas. Eu a imaginei curtindo estar viva, mesmo com a presença de alguns ursos que foram reintroduzidos naquela região.

Meus olhos conseguiram focar em seus lábios:

"Você já experimentou?", ela me perguntou.

"O quê, mãe? Caminhar pela floresta?"

Torci para que a luz não mudasse, para que as sombras permanecessem no mesmo lugar, para não embaçar o modelado perfeito dos lábios da minha mãe no sofá.

"Não, o alho-de-urso, você já experimentou, eu comprei no (*uma nuvem passou, escorreguei nas vogais, depois veio uma sequência de p, de t, talvez de b, e o sol reapareceu*). Além disso, o que baistem são arditivos nos cereais."

Aditivos nos cereais. O.k., o assunto não me interessava tanto a ponto de prender minha atenção.

"Por que você não me ouve?", ela me perguntou, aflita.

"Cereais me deprimem."

Agora era a vez de ela olhar sem entender.

Nem eu nem ela escolhíamos o assunto, portanto. Só fazíamos apostas. Mas, enfim, quem dava as cartas das conversas? (Rosenfeld, 2023, p. 26-27).

Na conversa com a mãe, a jovem já demonstra sinais claros de incompreensão da fala, sendo incapaz de entender o que lhe é dito. Esse momento revela um percurso narrativo marcado por uma sanção negativa: os aparelhos auditivos, adjuvantes desse programa narrativo, já não são suficientes para garantir a compreensão do entorno sonoro; a leitura labial, igualmente adjuvante deste programa narrativo, torna-se ineficaz; e as memórias sonoras começam a esmaecer.

Esse apagamento sensorial provoca uma disjunção progressiva entre o sujeito Louise e seu objeto de valor, o som que assegurava sua presença no mundo enquanto uma jovem surda oralizada.

Ainda no âmbito desse mesmo programa narrativo, em sua tentativa de assegurar o lugar de surda oralizada, Louise vivencia a perda como um esvaziamento das condições de ação. Em termos semióticos, trata-se de uma modalização de *não-saber-fazer*, decorrente da perda da memória dos sons, como se observa no trecho a seguir.

De qualquer modo, respondi: "Sim".

Sua cabeça emergiu de trás da tela e me julgou com surpresa, antes de se esconder atrás de sua masmorra.

Depois, tive a impressão de ouvir, em meio a pigarros ou grunhidos, a palavra "pretensioso". A lembrança dos fonemas não me levava a nada além disso. Seria eu a pretensiosa? O que eu poderia ter dito antes de tão inconveniente? O que ela queria dizer?

A raiva me inundou, os grunhidos ficaram cada vez mais altos.

"Você sabe (resmungos) nós (grunhidos)", disse a voz atrás do computador.

Ouvi apenas latidos, gemidos, resmungos, ao meu redor tudo não passava de barulho de cachorro maltratado (Rosenfeld, 2023, p. 32-33, grifo próprio).

A incompreensão dos sons e a ausência de recursos auditivos eficazes para identificar o que está sendo dito evidenciam o colapso progressivo da escuta, elemento que a sustentava na identidade de uma pessoa surda oralizada.

Essa tensão vivida pela protagonista a partir do afastamento de seu objeto de valor, o som, desencadeia um afastamento da linguagem e da sua identidade como surda oralizada, dilema crucial que se concretiza em outros programas narrativos. Entre os outros programas narrativos, destacam-se o da aprendizagem da língua de sinais, com a consequente inserção na comunidade surda, ou o da submissão ao implante coclear, como tentativa de permanência no universo dos ouvintes, ainda que essa permanência seja mediada por recursos mecânicos.

A concorrência entre esses dois programas narrativos é representada por duas figuras que orbitam Louise: sua mãe, que atua como adjuvante ao defender o implante coclear como forma de reinserção em uma vida considerada “normal” e de continuidade do percurso anteriormente construído; e sua amiga Anna, que se posiciona como oponente desse plano, enfatizando a importância da identidade surda e da filiação cultural e linguística a uma comunidade que reconhece uma maneira própria de ser e de estar no mundo.

ANNA ME DIZIA: “O implante é uma máquina de guerra capitalista. Quem tem interesse em melhorar o homem? Os militares! Louise, você não quer ser uma guerreira com super-habilidades fisiológicas e cognitivas?”.

Não, eu respondia, claro que não (Rosenfeld, 2023, p. 125).

MINHA MÃE ERA um poço de preocupação.

“Você reclama quando o dentista obtura suas cáries, mas não consegue entender por que me recuso a inserir um metal no meu ouvido”, eu disse à minha mãe.

“Mas você não pode ficar assim, como vamos fazer se não pudermos falar com você?”

Eu a avistava no continente dos ouvintes, lamentando por me ver ir na direção dos surdos insulares (Rosenfeld, 2023, p. 139).

A recusa em ceder totalmente a qualquer dos dois lados leva Louise a experimentar novos programas narrativos, que mascaram ou, ao menos, suavizam o programa inicial da perda. Entre eles, destacam-se o do convívio com os amigos e o do retorno ao trabalho.

No percurso narrativo profissional, o fazer laboral emerge como uma dimensão essencial para que Louise possa entrar em conjunção com sua identidade e, por consequência, com a linguagem. O trabalho torna-se, assim, uma tentativa de reinserção no mundo. Inicialmente, ela é alocada no setor de emissão de certidões de nascimento, um lugar

tematicamente associado à vida, à inscrição simbólica no mundo e ao reconhecimento jurídico e existencial. Trata-se de um espaço discursivo que vincula o ambiente laboral à possibilidade de renascimento. Nesse novo programa, Louise está conjunta da vida e dos elementos que a sustentam.

Contudo, essa breve tentativa de reinserção é logo frustrada. Louise é transferida para a seção de atestados de óbito, um espaço temático do fim, do apagamento e da saída da vida. A mudança de setor opera uma reversão da expectativa de recomeço: aquilo que era lugar de nascimento e nomeação transforma-se em território do silêncio e da ausência. A personagem transita, assim, da promessa de pertencimento à confirmação da exclusão identitária, que se materializa no fim, figurativizado pelo atestado de óbito.

Posteriormente, Louise é deslocada novamente, desta vez para o setor de pessoas sem registro civil, um não-lugar por excelência. Esse espaço abriga sujeitos à margem do reconhecimento jurídico e social: refugiados, imigrantes, pessoas sem nome legal. Por ironia, é justamente ali que Louise passa a atuar, ela, que também se encontra deslocada do percurso identitário oralizado, e que, ao mesmo tempo, ainda não se inscreveu plenamente no universo da surdez. O trabalho com os “sem registro” adquire, assim, uma dimensão profundamente temática: viver sem registro é viver sem forma reconhecível, sem pertencimento claro, sem linguagem socialmente validada.

Do ponto de vista dos temas e figuras, no nível discursivo, essa trajetória profissional reflete a própria trajetória identitária da protagonista: da pertença à exclusão, do reconhecimento como ouvinte à invisibilidade produzida pela surdez progressiva. O emprego, que inicialmente se apresenta como uma estratégia de reintegração social, acaba por evidenciar sua condição estrangeira dentro da própria sociedade. Louise afirma: “ESTRANGEIRA, É ISSO, eu era estrangeira. Desenraizada da linguagem” (Rosenfeld, 2023, p. 81).

Louise é parte de um sistema que cataloga, identifica e nomeia, mas ela mesma permanece sem língua própria, em um percurso de crescente apagamento da linguagem e da sua identidade.

Ao se definir como estrangeira, Louise reconhece que sua identidade foi construída a partir da oralização e referenciada no mundo dos ouvintes, enquanto seu próprio modo de existência, o de uma pessoa surda oralizada, é progressivamente silenciado. Essa tensão identitária pode ser compreendida à luz da sociossemiótica de Eric Landowski (2002), para quem as interações humanas configuraram diferentes regimes de relação entre o “eu” e o “outro”, responsáveis pela produção de sentido e pela constituição das identidades.

Em *Presenças do outro* (2002), Landowski descreve as modalidades de construção da alteridade (exclusão, assimilação, admissão e segregação) e demonstra como essas formas organizam a vida social e definem os modos de presença dos sujeitos.

Posteriormente, em *Interações arriscadas* (2014), o autor aprofunda essa reflexão ao propor quatro regimes de interação: programação, pautado pela previsibilidade das condutas; manipulação, orientada pela intenção de influenciar o outro; ajustamento, fundado na sensibilidade e na copresença; e o acidente, em que o sentido emerge do imprevisto e do encontro fortuito. Esses regimes expressam diferentes graus de risco e de abertura à alteridade, tornando o contato entre sujeitos uma experiência sensível e contingente, em que o sentido é continuamente negociado.

No caso de Águas-vivas não têm ouvidos, a trajetória de Louise é orientada, sobretudo, pela lógica da assimilação, modalidade que se estrutura em torno do desejo de pertencimento e da tentativa de aderir ao modo de ser do outro. Como observa Landowski (2002), a assimilação implica uma modalização da identidade: o sujeito procura integrar-se ao grupo de referência, ajustando-se a seus valores e formas de expressão, sem jamais eliminar completamente a diferença que o constitui. Essa forma de interação é central na experiência da protagonista, que busca manter-se vinculada ao universo dos ouvintes mesmo diante da progressiva perda auditiva. Sua tentativa de reproduzir os códigos da linguagem oral revela um movimento de assimilação que, ao mesmo tempo em que produz uma inclusão parcial, reforça o sentimento de estrangeiridade e o apagamento de si.

Com base nessa perspectiva, ao percorrer o programa narrativo da falta, comprehende-se que Louise tem seu regime de significação ancorado na linguagem do outro. A perda progressiva dessa linguagem instaura um não-lugar, um espaço liminar entre o eu (Louise) e o outro (a sociedade), no qual a protagonista se reconhece como estrangeira dentro do próprio universo que antes a acolhia.

Essa condição pode ser pensada a partir de Desidério e Limberti (2013), que compreendem a identidade do estrangeiro como modalizada pelo apagamento de seu padrão cultural em favor do outro. No caso de Louise, esse apagamento manifesta-se não apenas na perda auditiva, mas também no deslocamento identitário e na dissolução da linguagem que a ancorava no mundo. Segundo as semióticas:

Na assimilação, o sujeito, ao modalizar-se suficientemente para que todo o seu exotismo deixe de ser impertinente aos padrões culturais do grupo de referência, entra em conjunção com os modos de ser desse grupo, nunca deixando, no entanto, de ser reconhecido como um estrangeiro. Nesse caso, são depositados valores positivos sobre o objeto (a identidade de referência) (Desidério; Limberti, 2013, p. 19-20).

O movimento de assimilação e de tentativa de pertencimento ao grupo dos ouvintes revela como a narradora-protagonista do romance atribui ao som e à oralização o estatuto de objeto de valor em seu percurso, numa tentativa de permanecer vinculada a esse universo linguístico. Esse movimento evidencia a estrutura narrativa do romance, pautada no regime sociossemiótico da assimilação (Landowski, 2002). Assim, Louise

busca suprir uma falta que não se limita à ausência da escuta, mas abrange, sobretudo, a carência de um lugar, de uma linguagem e, principalmente, de uma inscrição identitária, tendo como padrão de referência o universo dos ouvintes.

Nessa direção, à luz da semiótica, a identidade de Louise pode ser compreendida como um processo de significação que se constitui na relação com o outro.

Conforme o *Dicionário de Semiótica* (Greimas; Courtés, 2008, p. 223), a identidade define-se em correlação com a alteridade, formando com ela um par de termos reciprocamente pressupostos. Longe de designar uma essência ou igualdade substancial, ela é concebida como um efeito de sentido, resultante das operações de diferenciação e de reconhecimento entre os elementos de um sistema. Assim, o ato de identificar não é imediato, mas uma operação construída a partir da análise dos traços semânticos que aproximam e distinguem sujeitos, objetos e valores. Desse modo, o que se chama “identidade” corresponde sempre a uma posição relacional dentro de um campo de diferenças, um processo de significação que depende da alteridade para existir.

Em abordagem semiótica contemporânea, Schwartzmann e Castro (2024) propõe compreender a identidade como resultado de processos discursivos e culturais reiterados. Certas práticas sociais, ao se repetirem de forma regular, instituem modos de existência compartilhados que expressam um ethos coletivo e configuram formas de vida socialmente reconhecíveis. Desse modo, a identidade emerge como um processo de significação culturalmente mediado, sustentado pelas formas de enunciação e pelas práticas culturais que (re)produzem e estabilizam sentidos no interior de uma comunidade.

No romance Águas-vivas não têm ouvidos, a identidade é constantemente construída e tensionada pelas práticas discursivas e culturais que a cercam. A experiência da surdez inscreve-se em um campo de representações sociais cristalizadas, o da normatividade ouvinte, reiteradas nos discursos médico, familiar e institucional que delimitam os contornos de uma forma de vida hegemônica. À medida que essas representações são abaladas pela perda auditiva, o texto revela um processo de desidentificação e reconfiguração da protagonista, que passa a negociar sua presença entre o silêncio e a linguagem, o pertencimento e o afastamento.

De maneira geral, Louise encarna o sujeito modalizado pela falta: não está plenamente inserida no mundo dos ouvintes, onde é percebida como uma estrangeira, nem é reconhecida integralmente no mundo dos surdos, espaço em que também ocupa uma posição de exterioridade. Essa condição liminar, marcada pela ausência de pertencimento a ambos os grupos, torna-se particularmente evidente na interlocução entre a narradora e o professor de Libras: “Sem meu aparelho, ouço como você, disse para o professor, acenando como podia. ‘Talvez’, ele respondeu, ‘mas você ouve, estudou para ouvir. Eu sou surdo, uso os sinais desde a infância, nós nunca seremos iguais’” (Rosenfeld, 2023, p. 146).

Assim, o trabalho com os sem registro civil torna-se um quadro figurativo potente de seu próprio estado de suspensão: viver sem registro é viver à margem da existência socialmente reconhecida e, portanto, à margem da linguagem social. O percurso narrativo de Louise espelha essa condição de ausência de inscrição social, evidenciando sua busca por pertencimento e por um lugar de reconhecimento simbólico.

No nível profundo do percurso gerativo de sentido, evidencia-se a constituição de uma oposição semântica fundamental entre *resistência* e *entrega*, que perpassa todo o romance e orienta as escolhas narrativas da protagonista. Essa tensão manifesta-se na trajetória de Louise, cuja experiência é marcada por sucessivos esforços para preservar sua identidade de surda oralizada e manter-se vinculada ao universo dos ouvintes. Ao mesmo tempo, a progressão irreversível da perda auditiva impõe-lhe uma entrega fisiológica inevitável, que fragiliza a estabilidade de sua identidade e provoca rupturas em seu contrato de sentido com o mundo.

Resistir significa, para Louise, insistir na oralização, recorrer aos aparelhos auditivos e à leitura labial como estratégias de manutenção de um pertencimento simbólico ao universo dos ouvintes. A entrega, por outro lado, relaciona-se ao reconhecimento da falência desse regime de linguagem e à aceitação de novas formas de significar e se comunicar, como a aprendizagem da língua de sinais ou o implante coclear. Assim, a oposição resistência/entrega ultrapassa a dimensão fisiológica da surdez e torna-se, sobretudo, um campo de disputa ética, identitária e simbólica.

Indo além, ao permitir a análise das articulações entre os planos do conteúdo e da expressão, sabemos que a semiótica greimasiana oferece uma chave valiosa para compreender de que modo o texto literário se organiza para produzir sentidos. No caso de Águas-vivas não têm ouvidos, é possível identificar recursos estéticos que inscrevem, na própria linguagem literária, as marcas de uma escuta em colapso, bem como a presença de ruídos e interrupções na construção do sentido.

Assim, a linguagem, objeto de desejo da protagonista, que se vê cada vez mais afastada de sua plena realização, apresenta-se, também no plano da expressão, esvaziada e marcada por distorções. Do mesmo modo que a narradora é atravessada por tentativas falhas de significar e por fragmentos de sentido construídos nas bordas da linguagem verbal, o próprio plano da expressão do texto incorpora lacunas, espaçamentos e incompreensões que produzem uma leitura marcada pela imprecisão e pela instabilidade de significados.

Diante da falência da escuta e do colapso da comunicação, o plano da expressão recorre a uma linguagem poética e sensorial, aproximando-se da experiência comunicativa vivida por Louise. Por meio desse recurso estético, a obra produz um efeito semissimbólico, construído a partir das pausas e interrupções do texto verbal, em correlação com a incompreensão comunicativa da narradora-protagonista.

Segundo Pietroforte (2004), o efeito semissimbólico ocorre quando há uma correspondência entre categorias do plano da expressão e categorias do plano do conteúdo, isto é, quando certos traços formais da linguagem traduzem, no plano sensível do texto, valores semânticos ou afetivos presentes no conteúdo. Diferentemente da simbologia tradicional, que depende de convenções culturais, o semissimbolismo resulta de uma articulação estrutural interna ao texto, em que expressão e conteúdo se associam.

No caso do romance *Águas-vivas não têm ouvidos*, o plano da expressão verbal escrito se constrói por meio de interrupções, espaçamentos e descontinuidades sintáticas, enquanto o plano do conteúdo encena a experiência da incompreensão e da falência comunicacional da narradora-protagonista. Essa relação entre a fragmentação formal e o colapso da escuta produz o efeito semissimbólico: a forma textual reproduz, no nível expressivo, a condição perceptiva e subjetiva da personagem.

Assim, quando o leitor é confrontado com lacunas, silêncios ou ruídos na estrutura do texto, ele não apenas comprehende racionalmente o tema da surdez, mas experimenta, pela forma literária, a mesma instabilidade comunicacional que atravessa Louise. É o efeito semissimbólico que podemos identificar no trecho abaixo:

QUANDO THOMAS PRONUNCIOU a palavra amor pela primeira vez, não consegui ouvir.

Boca fazendo biquinho/ abertura máxima do canto dos lábios, ponta da língua de Thomas contra os dentes/ lábios entreabertos/ inspiração leve, lábios rapidamente fechados/ olhos brilhantes.

"Te amo." Para mim, aquelas eram palavras pronunciadas em filmes B por famílias da periferia dos Estados Unidos (Rosenfeld, 2023, p. 96).

Do que ele estava falando? Entre nós, à mesa, eu havia perdido o assunto. Os sinais corporais não explicavam nada a respeito da temática – mas eu sentia o impulso silencioso –, as mãos davam uma intensidade dramática ao assunto, mas não revelavam nada. Tampouco os olhos, e era isso que eu detestava mais: os olhos verificavam se eu tinha entendido. Felizmente, não tenho olhos azuis, e é preciso se contentar com pouco. Com meus olhos escuros, esconde a função fática da linguagem, aquele jogo social. Ao menos, no escuro, não há nada a sondar. Atrás dos meus olhos escuros me sinto protegida, o outro nunca saberá se entendi ou não. Atrás dos meus olhos escuros tapo as brechas, conduzo a conversa. Como num jogo de força:

"TE_ _ I_ _ U?", perguntou o garçom.

Pela aparência do meu prato, supus que ele queria limpar a mesa. O que o garçom poderia dizer em apenas uma palavra? As mãos grandes do meu soldado formavam uma cruz e me davam uma pista: acabou? Um sinônimo um pouco mais longo? Tarde demais, o amigo-vizinho respondeu por mim e o prato foi retirado (Rosenfeld, 2023, p. 22).

Nesses dois exemplos, a composição textual deixa de funcionar como instrumento de mediação clara para o leitor, tornando-se poeticamente fragmentado, com ruídos e lacunas, elementos que reinventam a experiência de leitura e configuram um processo de leitura com falhas de comunicação. A leitura labial do que é dito por Thomas e a tentativa do preenchimento do jogo da força mostram o exercício com a linguagem do texto, evocando a presença de ruídos e de vazios que atravessam a narrativa e inauguram um trabalho estético com a falta da linguagem.

Assim como Louise sofre com a incompreensão e com os silêncios, o leitor também é convocado a experienciar situações de opacidade, de falência comunicacional e dos limites da linguagem. Em alguns momentos, como no jogo da força, a linguagem literária passa a operar como matéria estética do vazio, expressão da falta e tentativa de reorganização simbólica do mundo a partir do silêncio e da descontinuidade sensorial. Logo, o que a protagonista vivencia como perda auditiva e apagamento da escuta é transposto para o plano da expressão, convidando o leitor a experienciar essa lacuna como parte constitutiva da significação literária.

De maneira geral, ao longo de Águas-vivas não têm ouvidos, a narradora atua em diferentes programas narrativos que reiteram sua condição de sujeito em disjunção com a linguagem, sem um lugar fixo: nem plenamente ouvinte, nem plenamente integrada à comunidade surda. Esse *não-lugar* não revela apenas uma condição física, mas sobretudo, social e linguístico, diante da falência do código vigente.

Essa suspensão de códigos e de pertencimentos revela que, mais do que narrar uma trajetória sobre a surdez, o romance encena uma busca pela linguagem e por uma nova forma de significar o mundo para sujeitos constituídos na falha e na não compreensão do que é dito.

A linguagem e a experiência do mundo

O colapso do sistema linguístico oralizado no qual Louise foi formada representa a falência de um contrato de sentido. A linguagem oralizada, que outrora sustentava sua inserção no mundo, já não é suficiente para garantir reconhecimento, pertencimento ou mesmo a continuidade de sua identidade. Diante dessa ruptura, a personagem é lançada à tarefa de reconstruir formas de significar a si mesma e ao mundo ao redor, seja por meio de imagens sonoras inventadas, seja por interlocutores fabulosos que habitam seu imaginário. Sua travessia, assim, não é apenas sensorial, mas profundamente ontológica: ela transita pelo vazio da linguagem em direção a um novo regime expressivo, ainda sem contornos definidos, ainda em formação.

À luz de *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*, de Izidoro Blikstein (1985), compreendemos que a linguagem não apenas organiza o mundo, ela fabrica a própria realidade do sujeito. Para Blikstein (1985), não existe constituição de um "eu" fora da linguagem: é por meio do discurso que o sujeito fabrica a realidade. Louise, ao contrário

de Kaspar Hauser, cuja ausência de linguagem impedia o acesso a uma realidade estruturada, foi moldada por um sistema linguístico oral, que dava forma e sentido à sua experiência. No entanto, à medida que o sistema de linguagem que estruturava sua experiência começa a ruir, a realidade de Louise também parece se fragmentar.

Se, em Kaspar Hauser, a realidade era percebida como uma “mancha” devido à ausência de linguagem desde o início (Blikstein, 1985), no caso de Louise, a mancha surge como efeito da perda de um código previamente adquirido, aquele que antes organizava e dava forma ao mundo. A crise que ela vivencia é, portanto, uma crise da linguagem enquanto estrutura de mediação simbólica e, mais amplamente, uma crise da fabricação da realidade.

Dessa maneira, quanto mais avançamos no território da linguagem, mais difícil torna-se separar as marcas entre linguagem e práxis social. Segundo Blikstein (1985, p. 80):

[...] a língua passa a atuar sobre a práxis, os corredores isotópicos e os estereótipos perceptuais; estabelece-se uma interação entre língua e práxis, a tal ponto que, quanto mais avançamos no processo de socialização, mais difícil se torna separar as fronteiras entre ambas. Agindo sobre a práxis, a língua também pode modelar o referente e “fabricar” a realidade.

No caso de Louise, a cada falha de comunicação, a cada frase incompreendida, instala-se não apenas o silêncio, mas um abismo com a realidade. Quando a linguagem vacila, o sujeito se vê à deriva, desconectado do mundo sensível e simbólico. No entanto, é precisamente a partir dessa ausência que algo novo começa a emergir. O “eu” de Louise não desaparece; ele migra para os interstícios da linguagem, para seus resíduos, ecos e margens. É nesse espaço limítrofe que a narradora-protagonista inicia um gesto profundamente poético: a invenção de um herbário sonoro, uma tentativa de nomear o inaudível, de arquivar sons que já não são mais audíveis, de traduzir em palavras o que reverbera apenas na memória sensorial.

Esse herbário sonoro torna-se uma fabricação da realidade que apenas Louise passa a conviver, constituindo como um dispositivo simbólico e estético de resistência. Se o som escapa, Louise tenta capturá-lo pela linguagem poética. Cada fragmento escrito é uma tentativa de domesticar o inaudível, de fixar aquilo que está em desaparecimento. Como afirma a narradora: “O silêncio é um lugar onde se pode morar na linguagem. O silêncio liberta imagens e palavras que a linguagem detém. Eu não estava perdida, estava no caminho” (Rosenfeld, 2023, p 175).

No caso de Louise, a perda do som como mediação direta com o mundo não resulta em um vazio absoluto, mas na oportunidade de instaurar uma outra realidade, sensorial, fragmentária, poética, registrada no que ela reconhece como o herbário sonoro, registro que opera como um elemento fantástico, uma fabulação que torna possível a permanência da narradora em um universo onde a escuta colapsou. Esse registro

substitui a linearidade do discurso pelo acúmulo de vestígios, reunindo sons, lembranças e sensações como se fossem espécies raras a serem preservadas.

Ainda que a realidade fabricada pelos ouvintes venha a colapsar, Louise fabrica sua outra realidade para vivenciá-la como forma de ser e estar no seu mundo fabricado.

Ao final do romance, a possibilidade de resolução da falta é apresentada sob a forma do implante coclear. No entanto, essa solução médica é desconstruída pela ótica do herbário sonoro de Louise. A compreensão do implante deixa de ser vista como uma chave do mundo oralizado e na sua lógica poeticamente fabricada, o implante torna-se uma planta.

MAS QUANDO O SILÊNCIO ameaçava me expulsar de novo da realidade, voltava a ser um inimigo a combater – não sei o que fazia o soldado, “estava em missão”, me disse da última vez, eu precisava me virar sozinha – e esse combate tinha um nome: Implante.

Revirei essa palavra em todos os sentidos:

Implante
Um plano
Uma planta
(Rosenfeld, 2023, p. 124).

A figura da “planta” tensiona o sentido literal do implante, ao figurativizar poeticamente vida, regeneração e possibilidade de reconexão com o mundo sonoro. O gesto de revirar a palavra (de “implante” para “planta”) não é apenas um jogo linguístico, mas uma nova leitura à luz de sua realidade fabricada que o mundo da escuta já não é capaz de captar. Nesse sentido, mais uma vez, o romance transforma a experiência do não-lugar em um campo fértil de reinvenção, onde a linguagem abandona sua função técnica e passa a operar como espaço de resistência poética e de sentido.

Mesmo diante da falênciam do código oral e sonoro, a linguagem resiste: transforma-se em matéria estética e em ato de reinvenção da percepção do mundo. Para Louise, a perda da linguagem oral não a condena ao silêncio absoluto, mas a impulsiona à criação de uma nova realidade, poética e imaginativa, que emerge do vazio deixado pela escuta em colapso. Essa nova realidade se compõe de rastros de sons, palavras incompreendidas e silêncios carregados de significação.

É nesse ponto que o romance insere de maneira sutil, porém contundente, uma discussão ética sobre os limites da intervenção médica, da linguagem e da identidade. O implante coclear, apresentado como solução clínica, ultrapassa, na obra, sua dimensão técnica para tornar-se objeto de reflexão ética e existencial. O que está em jogo não é apenas a eficácia do dispositivo, mas o que ele representa para a construção subjetiva de Louise: uma tentativa de normalização da identidade dos ouvintes? Uma violência

simbólica à realidade criada por Louise? Um apagamento do seu herbário sonoro? Ou uma possibilidade de reconexão com o mundo por meio da linguagem oral?

Ao final, o gesto poético de Louise revela que, mesmo diante da perda, é possível reinventar o mundo pela linguagem. O herbário sonoro e a transformação de "implante" em "planta" são metáforas de uma identidade em movimento, que resiste à normalização e busca novas formas de pertencimento. O romance, assim, encena a passagem de um regime de linguagem falido para outro em construção, reafirmando que a fabricação da realidade é, também, um ato político e subjetivo de resistência.

| Considerações finais

A leitura de Águas-vivas não têm ouvidos evidencia que o romance de Adèle Rosenfeld atua, simultaneamente, como testemunho sensível e como laboratório estético da experiência surda oralizada. À luz da teoria semiótica greimasiana, observa-se que a progressiva perda auditiva de Louise provoca não apenas um apagamento sensorial, mas também a dissolução de sua inscrição simbólica no mundo. A protagonista torna-se estrangeira entre códigos: não pertence plenamente ao universo dos ouvintes, nem é integralmente reconhecida pela comunidade surda, habitando, assim, uma zona intermediária que é, ao mesmo tempo, um espaço de vazio e de reinvenção possível.

Com isso, o texto literário reproduz, no plano da expressão, a própria instabilidade comunicacional vivida pela protagonista, convidando o leitor a partilhar a opacidade e os hiatos que compõem a experiência da perda auditiva a partir de construções semissimbólicas. Ao incorporar recursos poéticos que simulam fragmentações, ruídos e lacunas, o texto revela que a incompreensão pode se tornar, paradoxalmente, elemento ético e estético.

Desse modo, a obra de Rosenfeld evidencia que a identidade de Louise se constrói justamente nos interstícios da linguagem, nos fragmentos de sentido e nos ruídos que escapam à comunicação plena. Ao transformar a perda auditiva em matéria estética, a narrativa apresenta a fabulação como forma de resistência à normatização e como gesto de fabricação de uma realidade própria. O herbário sonoro, nesse contexto, deixa de ser apenas um recurso poético e torna-se metáfora da reconstrução de si diante da dissolução de um código estabelecido. Assim, o romance demonstra que a linguagem não é mero reflexo do mundo, mas uma força ativa de criação e de reinvenção da realidade.

| Referências

BALDI, M. Crítica: 'Águas-vivas não têm ouvidos' vem com ideias promissoras, mas desperdiçadas pela narrativa. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/09/16/critica-aguas-vivas-nao-tem-ouvidos-vem-com-ideias-promissoras-mas-desperdicadas-pela-narrativa.ghtml>. Acesso em: 15 jun. 2025.

- BARROS, D. L. P. de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2005.
- BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 14. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. 2. ed. Tradução de Alceu Dias Lima. São Paulo: Contexto, 2008.
- LANDOWSKI, E. *Presenças do outro: ensaios de sociossemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- LANDOWSKI, E. *Interações arriscadas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.
- LIMBERTI, R. C. A. P.; DESIDÉRIO, B. C. As formas de recepção da alteridade: uma análise da noção de estrangeiro. *ArReDia*, v. 2, p. 11-25, 2013.
- PIETROFORTE, A. V. S. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.
- ROSENFELD, A. *Águas-vivas não têm ouvidos*. São Paulo: Fósforo, 2023.
- SCHWARTZMANN, M. N.; CASTRO, G. H. R. de. Obituários de escritoras: reflexões sobre valor, cultura e identidade da mulher. In: TASSINARI, C. A.; SANTOS, F. K. R.; PORTELA, J. C.; SCHWARTZMANN, M. N. (org.). *Identidade, experiência e discurso: semiótica e crítica da cultura*. Campinas: Pontes Editores, 2024. p. 74-95.

Como citar este trabalho:

SALERMO, Renan Luis. Entre ruídos e sentidos: a perda auditiva em *Águas-vivas não têm ouvidos*. CASA: *Cadernos de Semiótica Aplicada*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 234-250, dez. 2025. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em "dia/mês/ano". <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v18i2.20483>.